

# CLASSICOS DO SOBRENATURAL



# CLÁSSICOS DO SOBRENATURAL

*Prefácio, seleção e tradução*

Enid Abreu Dobránszky

# Sumário

[PREFÁCIO](#)

[ASSOMBRAÇÕES](#)

[O QUARTO VERMELHO](#)

[NO FIM DA PASSAGEM](#)

[DECISÃO CORRETA](#)

[A PATA DO MACACO](#)

[PARA SER LIDO COM RESERVAS](#)

[DEPOIS](#)

[A CASA DO JUIZ](#)

[O SINALEIRO](#)

[O LIVRO DE RECORTES DO CÔNEGO ALBERIC](#)

[O LADRÃO DE CORPOS](#)

[ELES](#)

[O CAPITÃO DO ESTRELA POLAR](#)

[OS OLHOS](#)

[SCHALKEN, O PINTOR](#)

# PREFÁCIO

Enid Abreu Dobránszky

*Foi nas três últimas décadas do século XVIII que a exploração do sobrenatural adquiriu os contornos precisos de um novo subgênero literário: o romance gótico. De seu nascimento participaram tanto o conflito entre o ideário racionalista do Iluminismo, de um lado, e as crenças religiosas e supersticiosas, de outro, quanto o aumento dos índices de alfabetização, que impulsionou a imprensa periódica e popular, na qual se explorava o gosto pelas emoções fortes. Nesse sentido, nada melhor do que as proporcionadas por narrativas ambientadas em cenários sombrios de castelos mal-assombrados, cheios de passagens secretas, envoltos em brumas e cobertos por um céu tempestuoso. Criou-se um outro mundo, não o de uma natureza melhorada, banhado de sol e coberto de flores, mas seu negativo, seu duplo: o Mundo das Trevas, o Outro, habitado por potências terríveis, ameaçadoras, que, por vezes, encontram fendas pelas quais se insinuam no nosso mundo cotidiano e revelam aos mortais a existência e a substância do Mal neles ocultas. Certamente não foi pequena aqui a contribuição de certos aspectos da primeira fase romântica, sobretudo o gosto pelo Sublime, assim como suas explorações na pintura, com Piranesi (Prisões imaginárias, 1745), Fuseli (O pesadelo, 1782), Goya (O sono da razão engendra monstros, 1796-98), as visões míticas de William Blake.*

*Dentre os pais do novo gênero contam-se principalmente aqueles que lhe deveram a fama, como Horace Walpole (O castelo de Otranto, 1764), Ann Radcliffe (Os mistérios de Udolpho, 1794), Matthew Gregory Lewis (Ambrosio, ou o Monge, 1796), Charles Robert Maturin (A vingança fatal, 1807) e principalmente Mary Wollstonecraft Shelley (Frankenstein, 1818). Mas outros houve que nessa senda se aventuraram esporadicamente, como Walter Scott (The tapestried chamber). E assim sucederam-se novos cultores das trevas, engendrando numerosa prole e novos ramos, como a história de mistério, a história de detetive. Ramos que se entrelaçaram com outros mais antigos e estabelecidos: poemas como A balada do velho marinheiro, de Coleridge, ou os poemas “satânicos”, na veia byroniana, mostram vestígios identificáveis dessa contaminação. E, para não falar das irmãs Brontë — principalmente de Emily a autora de O morro dos ventos uivantes, em que a união de erotismo e terror é apresentada na sua forma mais intensa e elaborada —, comparecem até mesmo autores como Jane Austen, cujo romance Northanger Abbey*

(1818) permite uma leitura enviesada, irônica do gênero. E o que dizer — para abreviar uma lista longa demais, interminável mesmo — das modernas histórias em quadrinhos? Batman, de preferência nas séries desenhadas por Frank Miller, ou o da versão cinematográfica de Tim Burton, primorosamente dark...

Mas voltemos ao núcleo do sobrenatural, por assim dizer, “literário”. A explosão de periódicos na era vitoriana foi acompanhada da rápida ascensão das ghost stories — uma ascensão provavelmente impulsionada pelo vivo interesse suscitado, nos vinte anos anteriores, pelo espiritualismo e pelo mesmerismo, os quais, de um lado, alimentaram a credulidade popular e, de outro, ao provocar esforços em provar a realidade objetiva dos fenômenos sobrenaturais, realimentou o gênero, caso, por exemplo, do famoso conto de Conan Doyle, O cão dos Baskervilles, em que Sherlock Holmes soluciona, com seus métodos científicos, um mistério de origem aparentemente sobrenatural. Uma síntese perfeita, essa, de dois opostos: crenças supersticiosas e método indiciário, adequado a um intelectual esclarecido. Mas não haveria aqui, também, algo de quase “sobrenatural” num personagem que se alimenta — como um vampiro — dos casos de crime, em suma, do “mal”?

Mas a ambigüidade, a bem dizer, está no cerne do gênero: talvez mais do que qualquer outro, ele exige a suspensão da descrença. O jogo entre o verídico e o imaginado ou impossível requer uma adesão incondicional do leitor e, portanto, uma grande mestria na tessitura narrativa, de que poucos são capazes. Uns, mais do que outros. Uns, mais ingenuamente, diríamos, dispostos a convencer o leitor da veracidade da história mediante recursos a detalhes factuais e/ou à ficção de mero coletor de documentos encontrados por acaso. Outros, que preferem sublinhar sua indefinição quanto ao narrado, pontuando-o com “talvez”, “parece-me que” e expressões semelhantes. Ou seja, a hesitação que constitui a essência do conto gótico, como observou Tzvetan Todorov: os mecanismos que utilizamos para compreender os acontecimentos da vida cotidiana serão capazes de dar conta dos fenômenos narrados, ou será preciso recorrer a explicações extraordinárias? E com essa incerteza que joga o conto, e o leitor mais adestrado na gramática narrativa e mais familiarizado com o gênero receberá uma recompensa proporcionalmente maior.

A era vitoriana — época de ouro desse gênero — produziu mestres de ambos os tipos: o “ingênuo” e o “sofisticado”. A seleção dos contos incluídos nesta coletânea obedeceu — além do critério inevitável de preferência pessoal — a uma leitura nesse sentido. Diante da óbvia multiplicidade de escolhas possíveis, optamos pela composição inicial de três grupos. O primeiro, formado por contos quase “canônicos” (para os aficionados) de escritores pouco conhecidos (ou absolutamente desconhecidos) do público brasileiro, como Sheridan Le Fanu, M.R. James, Bulwer-Lytton e W.W. Jacobs. O segundo, de autores mais conhecidos por obras que não pertencem à categoria do “sobrenatural”, como Conan Doyle e H. G. Wells. Por fim, o

*grupo de contos do sobrenatural escritos por autores pertencentes ao cânone literário de língua inglesa: Charles Dickens, Rudyard Kipling, Henry James e Edith Whar-ton. Estes dois últimos, embora norte-americanos, pertencem a uma linhagem de pedigree britânico, aquela bem estabelecida na Nova Inglaterra. E Bram Stoker? Ele aqui está para lembrar ao leitor que esse grande mestre do gênero não escreveu apenas o Drácula. Assim como Robert Louis Stevenson, para nos lembrar de que ele não deve ser lembrado apenas como o autor de “Dr. Jekyll and Mr. Hyde”. Esperamos que nossas escolhas dêem tanto prazer ao leitor quanto o que nos proporcionou a tradução desses contos magníficos.*

*\* \* \**

*Sheridan Le Fanu (1814-1873), jornalista, romancista e contista inglês é considerado por muitos como o pai do conto fantástico moderno, quem primeiro percebeu o potencial do gênero. Seu primeiro conto, “The ghost and the bonesetter”, foi publicado no Dublin University Magazine em 1838, assim como “Schalken, the Painter”, incluído nesta coletânea. Graduado em Direito pelo Trinity College (Universidade de Dublin), Le Fanu entrou para o corpo editorial do Dublin University Magazine em 1837, ali iniciando sua carreira de jornalista. Em 1861, tornou-se proprietário daquele periódico, no qual várias de suas obras foram publicadas em capítulos. Embora tido como um dos mais populares escritores da era vitoriana, não é mais tão conhecido e lido atualmente, não obstante em 1923 o também escritor de contos fantásticos M.R. James tenha publicado uma coletânea dos contos de Le Fanu, sob o título Madam Crowl’s ghost and other tales of mystery. A última coletânea de contos seus publicada foi Carmilla and other classic tales of mystery (1996), Leonard Wolf (ed.). Obras mais conhecidas: Uncle Silas (1864), uma história de suspense, e The house by the churchyard (1863). O Drácula de Bram Stoker, segundo dizem, foi fortemente influenciado pelo conto “Carmilla”, de Le Fanu, do qual existem versões cinematográficas.<sup>1</sup>*

*Em alguns dos contos de Le Fanu, os acontecimentos estranhos estão envolvidos numa aura religiosa por vezes anticlerical — quase, diríamos, um grau zero do gênero. “Schalken, o pintor” constitui um dos raros exemplos de sobrenatural com ambientação histórica e de exploração do tema da abdução, com sugestão adicional de violência sexual. Junto com o “An account of some strange disturbances in Aungier Street” (1852), é um dos seus contos mais conhecidos.*

*Edward George Bulwer-Lytton (1803-1873), de família abastada, erudito*

freqüentador de círculos literários — foi amigo de Dickens e de Macaulay —, iniciou sua carreira literária com a publicação de *Ismael: an oriental tale with other poems* (1820), que lhe rendeu elogios por parte de Sir Walter Scott. Entre suas obras, além de contos fantásticos, encontram-se uma história social da Inglaterra e uma história de Atenas. Foi membro do Parlamento por duas vezes. O romance *Pelham; or the adventures of a gentleman* (1828) inaugurou sua carreira de sucesso como escritor de ficção. Atualmente, é mais conhecido como o autor de *Os últimos dias de Pompéia* (1834). Após quase meio século de esquecimento, nos anos 1960 começaram a aparecer novas edições das obras de Bulwer-Lytton e biografias suas.

“Assombrações” (“*The haunted and the haunters*”), publicado inicialmente no *Blackwood’s Magazine* (1859), é seu conto mais conhecido, um clássico sobre o tema da casa mal-assombrada e, ao mesmo tempo, um ótimo exemplo das tentativas em provar a realidade objetiva dos fenômenos sobrenaturais, que mencionamos anteriormente — uma espécie de cruzamento do ideário irracionalista romântico com o ideário cientificista vitoriano.

M.R. James (*Montague Rhodes James*, 1862-1936) foi lingüista e erudito brilhante, estudou no colégio da elite inglesa, Eton, graduou-se em Cambridge, onde ocupou cargo importante, no departamento de arqueologia clássica do museu *Fitzwilliam*. Seus contos fantásticos ainda são bastante lidos e apreciados e inspiraram muitos autores modernos do gênero. “O livro de recortes do cônego *Alberic*” é considerado por muitos o melhor deles, um exemplar quase supremo da preocupação com detalhes factuais, nos quais se espera ancorar mais solidamente a suspensão da descrença. Foi publicado pela primeira vez na *National Review* (março de 1895) e depois na coletânea *Ghost stories of an antiquary* (1904), à qual se seguiram: *More ghost stories of an antiquary* (1911), *A thin ghost and others* (1919) e *A warning to the curious* (1925). Mais recentemente publicaram-se seleções de seus contos: *The ghost stories of M.R. James* (1986, *Michael Cox [org.]*) e *Ghost stories* (1994, *Penguin Popular Classics*).

*W.W. Jacobs* (*William Wymark Jacobs*, 1863-1943). Funcionário do Correio britânico, publicou seus primeiros contos na revista subvencionada por aquele órgão. Outro conhecido cultor do gênero, *Jerome K. Jerome*, introduziu-o na revista *To-Day*, de maior importância e circulação. Sua ascensão, desde então, levou-o à publicação na prestigiosa *The Strand Magazine*, em que também colaborava freqüentemente *Conan Doyle*. Apesar de seu sucesso inicial, morreu pobre e anônimo num asilo londrino. “A pata do macaco”, seu conto de maior sucesso — dentre seus admiradores, nada menos do que *Bioy Casares* —, publicado inicialmente em *The Lady of the Barge* (1902), mescla terror com um certo humor. Outra fonte da qual beberam, e bebem talvez, muitos dos mestres atuais...

Os autores pertencentes ao cânone da literatura “séria” dispensam apresentações. De *Charles Dickens* merece nota o fato de ter sido ele quem

primeiramente farejou a oportunidade de lançamentos de ghost stories na época natalina. Quem não se lembra do famosíssimo e sentimental “Um conto de Natal” (“Christmas Carol”), cujas versões, sempre renovadas, nos invadem as telinhas, em dezembro? Tanto “Para ser lido com reservas” quanto “O sinaleiro” foram publicados inicialmente no periódico All the Year Round (ambos em dezembro, respectivamente 1865 e 1866), com olhos nesse mercado sazonal. Dados factuais no tratamento de um escritor estupendo...

Em “No fim da passagem” (publicada inicialmente no Lippincott’s Magazine, 1890, e depois na coletânea Life’s Handicap, 1891) e “Eles” (Traffics and Disco-veries, 1904, e depois separadamente, 1910), de Rudyard Kipling, outro vitoriano ilustre, muitos leitores reconhecerão a mão do autor de “O homem que queria ser rei”. Dickens e Kipling constituem exemplos do tratamento do tema por romancistas mestres e experientes. Já em “O quarto vermelho” (The Plattner story and others, 1897), de H.G. Wells, um dos criadores da ficção científica, temos quase uma “desconstrução” do gênero.

Outros aspectos menos explorados comumente encontram-se em “A coisa verdadeiramente certa”, de Henry James, e nos dois contos de Edith Wharton incluídos nesta coletânea: “Depois” e “Os olhos”. O tema de “A decisão correta” (em The soft side, 1900) é mais propriamente o mesmo que encontramos em “O desenho do tapete”<sup>2</sup> — o evasivo significado de uma obra literária — e, nesse sentido, constitui um contraponto a “The Turn of the Screw”, uma narrativa mais convencional no gênero. Edith Wharton, sua discípula sob muitos aspectos, conduz a ambigüidade e a sutileza de James a um novo patamar, entrelaçando-as com os pressupostos e códigos sociais da aristocracia norte-americana em “Os olhos” e com as ambições e percalços da camada ascendente burguesa em “Depois”. Ambos os contos fazem parte da coletânea Tales of men and ghosts (1910).

“O ladrão de corpos”, de Robert Louis Stevenson, apareceu no número de dezembro de 1884 do Pall Mall Magazine e posteriormente no livro Tales and fantasies (1905). “A casa do juiz”, de Bram Stoker, só foi publicado postumamente, no volume Dracula’s guest and other weird stories (1914), organizado por sua viúva, Florence Bram Stoker.



# ASSOMBRAÇÕES

*Edward Bulwer-Lytton*

Um amigo meu, homem de letras e filósofo, disse-me um dia, meio zombeteiro, meio sério: “Adivinhe! Desde que nos vimos pela última vez, descobri uma casa assombrada no meio de Londres.”

“Assombrada de verdade? E pelo quê? Fantasmas?”

“Bem, não sei; tudo que sei é o seguinte: seis semanas atrás, minha mulher e eu estávamos à procura de um apartamento mobiliado. Ao passar por uma rua tranqüila, vimos na janela de uma das casas: ‘Apartamentos mobiliados’. O lugar nos convinha; entramos na casa, gostamos dos aposentos, mudamos para eles na semana seguinte... e os abandonamos no terceiro dia. Nada no mundo poderia ter convencido minha mulher a permanecer mais tempo; e não me surpreende.”

“E o que vocês viram?”

“Perdão; não quero ser ridicularizado como um visionário supersticioso, nem, por outro lado, poderia pedir-lhe aceitar, sob minha palavra, aquilo que você considerasse inacreditável a menos que seus sentidos o comprovassem. A única coisa que posso lhe dizer é que não foi tanto o que vimos ou ouvimos (pois você poderia muito bem imaginar que fôramos ludibriados por nossa própria imaginação vivida ou vítimas da impostura de outrem) que nos expulsou quanto um terror indefinível que nos tomava sempre que passávamos pela porta de um determinado quarto vazio, no qual nada víamos nem ouvíamos. E o mais espantoso de tudo foi que, pela primeira vez em minha vida, concordei com minha mulher, por tola que ela seja, e admiti, após a terceira noite, ser impossível ficar mais um dia naquela casa. Assim, na quarta manhã, chamei a mulher que cuidava da casa e nos assistia e disse-lhe que os aposentos não nos serviam e que provavelmente não ficaríamos ali no restante da semana. Ela disse secamente: ‘Sei por quê: vocês ficaram mais tempo do que os outros inquilinos. Poucos ficam além da segunda noite; ninguém antes de vocês ficou até uma terceira. Mas suponho que eles foram muito gentis com vocês’.”

“Eles quem?, perguntei, tentando sorrir.”

“Ora, os que assombram a casa, sejam quem forem. Eles não me incomodam; lembro-me deles há muitos anos, quando morei nesta casa, não como criada; mas sei

que me matarão algum dia. Não me importo. Sou velha e morrerei logo, mesmo; e então estarei com eles e ainda nesta casa.”

“A mulher falava com sombria tranqüilidade, mas uma espécie de temor me impeliu a interromper a conversação. Paguei a semana de aluguel, e minha mulher e eu nos sentimos afortunados por pagarmos só pela estadia.”

“Você despertou minha curiosidade”, disse eu. “Nada me agradaria mais do que dormir em uma casa assombrada. Por favor, dê-me o endereço daquela que você abandonou tão vergonhosamente.”

Meu amigo deu o endereço e, quando nos despedimos, fui imediatamente para a casa indicada.

Ela está situada na parte norte da Oxford Street (em uma travessa sem movimento, porém respeitável). Encontrei a casa fechada, sem nenhum cartaz na janela, e ninguém respondeu às minhas batidas na porta. Quando estava me afastando, um desses meninos que recolhem garrafas nas vizinhanças disse-me: “O senhor quer falar com alguém daquela casa?”

“Sim, soube que ela estava para alugar.”

“Alugar! Ora, a mulher que cuidava dela está morta. Morreu há três semanas e não há ninguém lá, embora o sr. J. a tenha oferecido a tanta gente. Ele ofereceu-a à minha mãe, que lhe traz carvão, na semana passada, apenas em troca de abrir e fechar as janelas, mas ela não quis.”

“Não quis! E por quê?”

“A casa é mal-assombrada; e a velha que cuidava dela foi encontrada morta na cama, com os olhos arregalados. Dizem que o diabo a estrangulou.”

“Bobagem! Você falou sobre o sr. J. Ele é o dono da casa?”

“É.”

“Onde ele mora? Quem é ele? O que faz?”

“Nada em particular, senhor; é solteiro.”

Dei ao menino uma gorjeta em paga de suas informações generosas e dirigi-me ao sr. J, na rua G, que ficava perto da rua da famosa casa mal-assombrada. Tive a sorte de encontrar o sr. J. em casa, um homem de idade, com uma fisionomia inteligente e maneiras agradáveis.

Imediatamente disse-lhe meu nome e minha profissão. Contei que ouvira dizer que a casa era assombrada, que queria muito examinar uma casa com uma reputação tão

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

